

NOTAS DE RODA¹

Diane Sbardelotto

ele.

Queria que você não tivesse chinelos, não tantos quanto pode extraviar, mas que procurasse o seu número. Que a casa tivesse menos lugares para debaixo de onde chutá-los, enquanto se arrasta de pénoção endurecendo as solas, essa coisa que você faz e chama de andar. Que não tivesse meus chinelos sempre por segurança. Que eu não os emprestasse, já quando estão roubados, sem o mínimo de repreensão que você espera, ou que eu apontasse, ao menos para irritá-la, que seus pés preenchem meus chinelos muito melhor do que aos seus próprios, donde escapam pelas laterais. Que seus pés são tão largos que me mataria se eu dissesse que pode bater palmas ou jogar tênis com eles. Se eu dissesse, porque é verdade. Que eles foram achatados na terra. Que você perdeu os chinelos desde a infância até para sempre. Porque seu pai consertava havaianas com prego, sua mãe com tira de pano. Andar sobre o carço da cabeça do prego e sobre o nó do pano era coisa demais pra você. Preferível pisar nas pedras. Que aceitasse que hoje perde os chinelos porque não lhe servem, [uma coisa é você. trintaeseis é outra], porque quase nunca está no chão [você] enquanto eles sim, embora os procure em todos os lugares altos, [como estantes e pregos na parede] onde eu não guardaria, nem ninguém. Que soubesse que eu nunca os guardaria. Porque eu os uso, quando quero ter uma coisa a que procurar em você. Que aproveitasse esses seus pés para nadar, coisa que você não sabe, mas tem toda anatomia, enquanto para de me perguntar porquê estou descalço.

ela.

[...] desde quando estou sendo repreendida, com insuficiente seriedade, por roubar-lhe os chinelos, é o tempo que já te amo. Esse seu consentimento disfarçado em dureza que vem em pequenos sermões com título de A Senhorita, me deram a paciência [tomando-lhe a sua, é possível] para enxergar a felicidade que é neles tropeçar, porque é bom sinal de presença, de que foram deixados onde eu sempre vou encontrar. Por acidente. [como estarmos juntos].

ela e ele. mas ela. e outro.

A solidão dele era ele.

A solidão dela era ele.

Nada era melhor do que ficar só com ele.
Nada era pior do que ficar só com ele.

Nada era tão fácil a ela do que achar-se descalça.
Pois tantos são os pares. É isso que se faz com o muito. Não saber escolher é logo ter nada.

[enquanto o outro] Os pés tinham a forma dos únicos sapatos e vice-versa, a não se saber quem de si deu primeiro, ao mesmo passo que teriam a forma de tudo porque muito macios que se suporia moldáveis. Os passos inaudíveis [se é que caminha, mas, de algum jeito chegou até ela]. Nada revelava tão bem sua natureza quanto estar de sapatos sempre. Nascido de dentro deles, era muito provável.

A ela, nada era tão natural quanto rachaduras no calcanhar, adquiridas desde o lugar do Sul onde aquilo se chamava garrão.

Agarrá-lo nas costas com as pernas, fazia-o com o cuidado de deixar os pés no ar. Arranhá-lo com os anos de vida terrestre, pensava: não. Com essa parte do corpo não.

ela. mas outra.

Acho que me falta uma coisa entre.

Diane Sbardelotto (Tapejara/RS, 1988) é artista visual e interessa-se por escritas aos fragmentos, conforme a vida, sobre, com e como imagem. Realizou três exposições individuais, escreveu para obras e exposições diversas e possui trabalhos de ilustração e poemas publicados em revistas eletrônicas.

¹pé